



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE ARTES
CÊNICAS

NATHALIA RODRIGUES FISCHER

AS VANTAGENS DE SER (DES) INVISÍVEL

**Um estudo autobiográfico sobre os efeitos das Artes Cênicas
no empoderamento de um indivíduo transgênero.**

Brasília, 2019

NATHALIA RODRIGUES FISCHER
DAVI RODRIGUES FISCHER

AS VANTAGENS DE SER (DES) INVISÍVEL

Um estudo autobiográfico sobre os efeitos das Artes Cênicas no empoderamento de um indivíduo transgênero.

Trabalho de conclusão do curso de Artes Cênicas, habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso

DEDICATÓRIA

À família Rodrigues Fischer,
que me fez ser quem sou hoje.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado a força e a firmeza que eu precisava durante todo esse processo.

Agradeço à minha família, que sempre se fez presente durante minha trajetória. Por apoiarem, sempre, todas as minhas decisões.

A meu pai que sempre esteve presente em todas as apresentações dos meus trabalhos e sempre tirou muitas fotos; à minha mãe, tão batalhadora quanto eu, que me ensinou que a vida é mais que um livro bonito e sempre me deu apoio moral, e a meu irmão cientista que sempre acreditou no meu potencial.

Agradeço a minha incrível parceira Amanda Almeida que me apoiou e me ajudou nesse processo de escrita.

Agradeço a minha amiga e artista Samla Alves por ter paciência e companheirismo durante todo o processo de Direção.

Agradeço a minha diretora Amanda Carvalho por ter me chamado para fazer parte desse projeto tão importante.

Agradeço ao Raphael Balduzzi que me socorreu no momento do desespero total e por me mostrar tantos autores que ainda não conhecia.

Agradeço a Carolina Germano que me deu a inspiração quando eu precisava.

Agradeço imensamente ao meu orientador Jorge das Graças Veloso, que me orientou tão graciosamente, com muita paciência e sabedoria. Com uma escuta tão sensível e humana. Não há palavras que descrevam a gratidão que eu sinto por esta orientação.

*Aprendam a amar a arte em
você mesmos, e não vocês
mesmos na arte.*

Konstantin Stanislavski

RESUMO

Esta monografia é o resultado de um estudo autobiográfico da minha formação como ator, dentro de um processo de criação de personagem, descobrindo outros personagens no cotidiano e durante a vida. O personagem foi criado com base no meu memorial que fez parte da disciplina de Direção 1, do departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília. O pensamento central deste trabalho está baseado na seguinte questão: como o ator pode fazer a descoberta de si mesmo a partir de método autobiográfico intuitivo. Como a arte, de um modo sutil, nos leva para espaços criativos e expressivos no processo de criação. Este estudo é uma reflexão sobre um ator que se descobre homem trans a partir da criação de um personagem. Este ator se incomoda com a descoberta de personagens criados no cotidiano a fim de sobreviver a certas intempéries da vida. Consta-se ao final do trabalho que as metodologias utilizadas para fazer o estudo de si mesmo levam o indivíduo a acessar as suas limitações e se empoderar de sua verdadeira essência. Descobre-se que arte e a vida estão interligadas.

Palavras-chave: Criação de personagem; Descoberta; Método Autobiográfico; Si mesmo; Arte e vida.

ABSTRACT

This monograph is the result of an autobiographical study of my training as an actor, within a process of character creation, discovering other characters in daily life and during life. The character was created based on my memorial that was part of the discipline of Direction 1, of the Department of Performing Arts of the University of Brasilia. The central idea of this work is based on the following question: how the actor can make the discovery of himself from the autobiographical method. As art, in a subtle way, takes us into creative and expressive spaces in the process of creation. This study is a reflection on an actor who discovers trans man from the creation of a character. This actor is uncomfortable with the discovery of characters created in the daily life in order to survive certain inclements of life. It is stated at the end of the work that the methodologies used to make the study of oneself lead the individual to access their limitations and to empower themselves with their true essence. One discovers that art and life are intertwined.

Keywords: Character creation; Discovery; Autobiographic method; Yourself; Art and life.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 Memorial de um artista Brasiliense em processo de descoberta.....	10
2.1- O começo de um corpo aprisionado.....	10
2.2- A libertação das ruas.....	15
2.3- A escola e a universidade.....	18
2.4- Eu sou quem eu sou.....	22
3 A descoberta de mim mesmo.....	25
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso é o registro das minhas caminhadas e processos como ator que, a partir de uma metodologia intuitiva autobiográfica, levam a descoberta de mim mesmo durante o curso de graduação. A descoberta de que a vida e a arte estão intimamente relacionadas se deu quando, em um processo de criação de personagem, eu descobri um novo caminho de vida, mais fiel a quem eu sou. Eu me descobrindo como homem trans em uma sociedade heteronormativa. Um ator incomodado com a “obrigatoriedade” de se encaixar nos moldes de gênero que a sociedade impõe como certas.

O presente estudo tem como por objetivo demonstrar, a partir de um estudo autobiográfico intuitivo, que o processo de criação de personagem, leva o ator a inconscientemente fazer descobertas de si mesmo. A partir da disciplina Direção I, na qual estudantes dirigem cenas atuadas por atores e atrizes, fui convidada (na época eu usava o gênero feminino) para atuar sob a direção da aluna Amanda Carvalho, um personagem homem trans em um curta-metragem chamado “Ela nunca me bateu”.

Comecei o processo de criação deste personagem fazendo um relato de minha vida. Fiz um memorial para revisitar sentimentos de como eu me via no meu âmbito familiar, nas ruas e na escola. Após terminar o memorial, eu criei o Chris, um personagem que se identifica transgênero e que vive um relacionamento tóxico.

Trabalho aqui a importância de entrelaçar arte e vida, onde ambas estão conectadas e contribuindo para o indivíduo se conhecer, tanto como artista quanto pessoa. A cada pesquisa para uma construção de personagem vem um conhecimento sobre si mesmo. A arte vem tornar visível o que a sociedade torna invisível. Uma sociedade que pensa que ser trans é festa, é diversão, é uma escolha. As pessoas que julgam e que pensam dessa forma não estão passando na carne pelo que passamos. Não é uma escolha. Lea T, modelo transexual diz que, “Ser transexual não é gostoso. Sofremos bullying seja quando mostramos os documentos, seja quando escutam a nossa voz, para arrumar empregos” (T, 2011).

Assim, no capítulo 1 apresento um memorial sobre minha vida, minha família e minha trajetória artística até este momento.

No capítulo 2 abordo o Chris como elemento principal para a minha descoberta e faço a relação entre meu memorial e as reverberações do personagem em minha vida. O *link* entre arte e vida. Como a arte e a criação do personagem foi o essencial para uma descoberta de mim mesmo.

Esse é um estudo realizado dentro da licenciatura, como é voltado para a formação de professores, eu trabalho a perspectiva da autobiografia como metodologia artística de auto empoderamento das pessoas. Uma metodologia que a partir de um memorial as pessoas possam acessar suas barreiras físicas, psicológicas, intelectuais e sociais e se empoderar de sua verdadeira essência.

2 MEMORIAL DE UM ARTISTA BRASILIENSE EM PROCESSO DE DESCOBERTA.

2.1-O começo de um corpo aprisionado

Quem sou eu? Foi o tema de uma carta que me pediram para escrever em uma aula de estágio e disseram: “Vai ser fácil”. Fiquei pensando no que eu poderia escrever e não me veio nada. Como assim é bem fácil? Para mim não é nada fácil, é uma pergunta que até agora não tenho resposta. Fiquei um bom tempo me cobrando já que na sociedade atual temos a necessidade de ter respostas prontas para quase tudo. A dúvida é vista como uma fraqueza, como se não tivéssemos opinião e argumento sobre certo assunto. A única frase que escrevi foi: “Não sei quem eu sou, mas tenho 25 anos e estou em crise”. Como nunca fui muito bom com perguntas e respostas muitas vezes preferia o silêncio.

Vivi em um âmbito familiar onde minha mãe Peixes¹ é filha de mineiros, psicóloga e sempre tenta quebrar suas limitações. Uma mãe que me apoiou em todas as minhas decisões. Meu pai Libra² é chileno, economista e fotógrafo nos momentos de lazer e é um pai que me apoiou muito e meu irmão Peixes³ que é mais novo, sempre foi muito inteligente nas exatas, um tanto quanto cientista, e um parceiro para todas as horas. Eu nasci mulher. Sempre gostei de fazer minipeças teatrais para minha família. A representação sempre esteve muito presente na minha vida. Fui batizada na igreja católica, fiz primeira comunhão e sempre vivi o que tinha para viver de acordo com meu gênero de nascimento.

Meus pais sempre fizeram o possível e o impossível para eu vivenciar, da melhor forma todas as minhas fases de aprendizado. Sempre foram muito abertos para os meus pedidos e, na maioria das vezes acataram as minhas escolhas. Exemplos foram as minhas festas de aniversário onde numa eu era o Tarzan e na outra eu era o Batman. E, assim, fui crescendo e fazendo minhas escolhas dentro do molde de gênero que eu nasci, tentando me entender enquanto indivíduo que

¹Jeito carinhoso que me refiro a minha mãe, já que seu signo é de peixes.

²Jeito carinhoso que me refiro ao meu pai, seu signo é Libra.

³ Jeito carinhoso que me refiro a meu irmão, seu signo é de Peixes.

faz parte de uma família de diversos pensamentos e limitações e minhas próprias descobertas nessa fase de crescimento.

Quando eu era pequeno, eu gostava muito de algumas brincadeiras de “finge que”. Eu fingia ser uma pessoa e assim inventava várias histórias. Eu, nessa brincadeira, era o Zeca. Zeca era um personagem da novela da Rede Globo e me simpatizava muito com ele. Era um menino muito bonito, aventureiro e que estava sempre disposto a qualquer coisa; era exatamente quem eu queria ser. Obviamente nunca contei nada disso para meus pais, pois, para mim, na época, eu estava vivendo um momento meu, quem eu gostaria de ser e não queria que tirassem isso de mim. Desde pequeno eu me preocupava muito com o que iam pensar e como iriam reagir. Sempre pensei que seria o fim do mundo se eu fosse contra algumas ideias. Se eu debatesse com meus pais alguns assuntos, pensava que eles não iriam me amar mais ou ter vergonha de mim. Tive uma infância bem feliz no quesito de brincadeiras, companhia do meu irmão e amigos da escola. Era um tempo onde eu tinha certa liberdade para sair na rua e brincar até tarde, ter os brinquedos dos meus sonhos, dançar só de short na sala sem me preocupar com nada e assim foi indo minha infância.

Mas então vem a adolescência, quando geralmente começam as perguntas típicas que se faz para os adolescentes, como: “e o namoradinho?”, “e essa roupa?”, “você vai vestida assim?” e, assim, as perguntas vão surgindo e eu sempre tinha que ter uma resposta, eu dava meu jeito, mas sempre fui mais recluso, sempre deixei meus processos guardados, para não ter nenhum tipo de problemas futuros, ou para não magoar ninguém. Guardava tudo dentro da minha caixinha de segurança máxima.

Na adolescência também comecei a ter meu estilo próprio de me vestir, gostava de calças mais largas, calça de tadel, camisetas, a blusa do uniforme eu gostava das que não grudavam e sempre me senti confortável assim. O questionamento do porque gostava de vestir esses tipos de roupa (roupas ditas masculinas) surgiram, eu fugia do padrão calça leg e blusa baby look, e dizia que era por conta do sobrepeso e que me incomodava as gordurinhas a mais, mas a verdade é que algo me incomodava no meu corpo e eu não sabia exatamente o

que era. Era um sofrimento silencioso, um sofrimento interno no qual eu não conseguia compartilhar com ninguém sobre a culpa e o medo que eu sentia de tudo isso. Nietzsche já dizia em seu livro “Genealogia da moral”:

O sofrimento sem sentido, eis a maior angústia humana. Por que tudo isso? Qual a razão de tanta tortura, sofrimento, aflição? A existência que não dê um sentido para si mesma não é capaz de suportar seu peso. O homem domesticado se envergonha de suas sensações, como se elas fossem erradas, estivessem fora do lugar. (Nietzsche, 2007, p.20)

Veio o dia que eu decidi cortar o cabelo. Queria um corte parecido com o da cantora de MPB Maria Gadú, que para mim era uma artista que eu colocava no pedestal, ela se vestia como queria e não se importava se estava parecendo um menino ou uma menina, quebrava tabus e barreiras e eu projetava nela o que eu gostaria de estar fazendo. E assim o fiz, minha mãe foi junto e cortei. Acho importante eu escrever um pouco sobre a história do meu cabelo. Eu sempre tive um cabelão, daqueles de fazer inveja, era sedoso, meio ondulado, com um grande volume. Minha mãe sempre amou, dizia que eu tinha puxado minha avó paterna e que eu deveria sempre cuidar dele com muito carinho. Minha mãe fazia escova, tranças, mas o rabo de cavalo era um problema - como era muito volumoso ele pesava - toda vez que amarrava no alto vinha uma tremenda dor de cabeça, eu fazia aquele lindo rabo de cavalo baixo. Minha mãe me encorajou e ainda cortou o dela “Joãozinho”. Ter uma mãe que me apoiou fazendo o corte que eu almejava e poder experimentar que sentimentos viriam com esse corte foi muito importante. Para mim foi uma conquista, foi como se eu estivesse deixando um peso para trás, o peso de que o cabelo simboliza o corpo-mulher. O peso de estar vivendo atrás de um cabelo feminino. Mas veio uma nova dor de cabeça: com o corte curto eu me encaixava na caixinha do masculino.

De repente eu estava incomodado porque não era mais menina e não era menino, eu não podia voltar atrás e ser o estereótipo de menina, eu estava entre fronteiras, estava num corpo de menina, mas com aparência de menino, isso me incomodava profundamente. Eu estava empenhado em ter a aparência que queria, mas o corpo não acompanhava. Por um tempo, continuei usando minhas roupas folgadas, porém um dia minhas amigas me disseram que eu parecia um menino e assim nunca ia conseguir um namorado. Lá vai eu procurar me vestir mais feminina para me encaixar no que elas me diziam. Fui crescendo escutando vários

comentários, tais como “Nossa! Essa mulher está com o short muito curto, isso é uma perua! Isso é feio, mostra tudo da mulher!”, “Olha essa menina, parece um menino! Também não é legal, fica parecendo um marimacho!”, “Quando você se vestia com calça tãctel e blusa era feio demais! Ainda bem que você está com outras roupas!” entre outros comentários. Assim fui me sentindo cada vez mais errado, não tinha uma autoestima muito boa, me via diferente e não tinha coragem de falar nada por medo dos comentários que iria escutar sobre minha pessoa.

Comecei a ver uns vídeos na internet sobre pessoas trans. Queria entender esse mundo. Eu deveria ter uns 15 anos, na época era um assunto muito restrito, quase não se tinha informação. As pessoas que já haviam passado pelo processo falavam muito pouco. Havia apenas curtas metragens que tratavam um pouco do assunto e mostravam um pouco do dia a dia de quem está passando por um processo de descoberta da própria essência. Nessa mesma época eu vi um seriado americano chamado “The L Word”. Uma série que acompanha a vida e os amores de um grupo de lésbicas que vivem em Los Angeles. Em uma das temporadas da série, entra um personagem que se chama Max, é um homem trans e conta a história dele e de todo o momento desde que ele se descobre trans até a transição. Quando eu vi essa temporada tudo na minha cabeça fez sentido. Foi como se eu visse que não era único, como se o Max fosse a minha chance de ser eu mesmo. Mas, ao mesmo tempo, não conseguia aceitar isso, não conseguia entender muito bem se era realmente isso ou se eu estava criando uma fantasia na minha cabeça, se eu estava criando outro personagem. Logo em seguida me fechei, não poderia fazer isso, não era possível. Como assim eu iria me transformar em um menino? Como eu iria falar com meus pais que eu não estava satisfeito comigo mesmo? Mais um assunto que coloquei na minha caixa de pandora, com medo da reação dos meus familiares e amigos.

Minha festa de 15 anos no ano de 2008 foi incrível. Eu nunca gostei da ideia de uma festa normal, aonde todo mundo vai de gala, tem a valsa e todos aqueles frufus que geralmente tem. Decidi fazer uma festa a fantasia e ao invés da valsa eu montaria uma peça teatral contando um pouco da minha vida. Tudo isso

baseado no filme da “Alice no País das Maravilhas”⁴. Eu era a Alice, claro, e meus amigos os personagens do Johnny Depp que eu mais gostava – eu sempre fui muito fã do Johnny Depp, tinha 2.000 fotos dele no meu computador, muitos pôsteres pregados na parede e praticamente todos os DVDs de todos os filmes que ele já tinha feito até 2008_ dancei valsa com meu pai, já que ele estava representando o Don Juan de Marco. Eu estava feliz porque poderia me fantasiar, poderia ser um personagem que eu considerava seguro, seria uma brincadeira de “finge que”. Mas ao mesmo tempo me sentia preso porque queria agradar a todos os envolvidos, queria pelo menos uma noite sem questionamentos e que todos estivessem felizes. Escolhi as fantasias mais princesas da loja e me senti como se ali eu estivesse fazendo uma performance, como se eu estivesse sendo alguém que não era exatamente minha essência.

Agora vamos para a parte mais polêmica. Eu me assumi lésbica aos 16 para os 17 anos, falei com mãe Peixes e ela respeitou e me apoiou de acordo com suas limitações. Vinha uma pressão silenciosa de “Pode até gostar de meninas, mas pelo menos tem que continuar feminina”, “eu respeito, mas não aceito sua escolha”, não era nada explícito, era algo silencioso, mas eu sentia ali presente. Eu tinha muitas perguntas, muitas indagações do tipo “porque nasci mulher se eu não iria me sentir encaixado nesse gênero? Porque tenho que ser esse padrão que todos esperam de mim? Porque tenho tanto medo de magoar quem está perto?”. Guardei essa indagação no meu armário gênero e fui continuar no processo de “sair do armário”. Contar para a família inteira foi um desafio. A maioria dizia “o meu único medo é com o preconceito da sociedade, com a violência”. E, eu entendo a preocupação deles, porque existem muitas pesquisas que acompanham os índices de mortes LGBTQIA+⁵, como a do GGB (Grupo Gay da Bahia), elaborada por Michels que mostra:

“A cada 20 horas um LGBT é barbaramente assassinado ou se suicida vítima da LGBTfobia, o que confirma o Brasil como campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. Segundo agências internacionais de

⁴ Alice no País das Maravilhas (em inglês: Alice in Wonderland) longa-metragem produzido pela Disney. Lançado em 1951, o filme é uma adaptação dos romances Alice no País das Maravilhas (1865), de Lewis Carroll.

⁵ Lésbica, Gay, Bissexual, Transgênero, Queer, Intersex, Assexual, + está para pessoas não-cis que não se consideram trans, e por todas as outras orientações que não são heteronormativas. Por exemplo, pessoas cetero são pessoas não binárias que só sentem atração por outras pessoas não-binárias, pessoas omni sentem atração por todos os gêneros.

direitos humanos, matam-se muitíssimo mais homossexuais e transexuais no Brasil do que nos 13 países do Oriente e África onde há pena de morte contra os LGBT. E o mais preocupante é que tais mortes cresceram assustadoramente nas últimas duas décadas: de 130 homicídios em 2000, saltou para 260 em 2010, 445 mortes em 2017 e 420 no ano passado (2018).” (Michels, 2018, p.1)

Ao mesmo tempo eu ficava tranqüilo pensando que estava tudo bem e que eu era parte de uma minoria em que a família pelo menos respeita a minha orientação sexual, e também sempre fui uma pessoa muito discreta, não era de provocar as pessoas na rua, guardava meus afetos para dentro de casa. Então, fui percebendo algo a mais que antes eu não notava tão fortemente assim, que era a minha invisibilidade. As perguntas cessaram. Aparentemente, as “namoradinhas” não eram pauta, alguns assuntos não eram falados mais e até cheguei a escutar de um parente: “Mas lésbicas são assim, um tanto quanto devassas, pulam de relacionamento em relacionamento, ficam com muitas pessoas e não se prendem.” Fui vendo a minha invisibilidade. Eu era invisível quando se tratava de alguns tópicos ou quando eu fugia da heteronormatividade. E voltava à visibilidade quando se tratava de estudos ou assuntos não tão polêmicos assim.

2.2-A libertação das ruas

A rua sempre foi um tipo de desafio para mim. Às vezes me sentia pelado, como se todos que passassem por mim estivessem vendo e julgando quem eu era. Como se as pessoas conseguissem ver por dentro e isso me assustava, justamente porque nem eu sabia direito o que/quem estava dentro.

Eu sempre me senti, por dentro, um menino. Quando ia brincar na rua eu me sentia quase como o Peter Pan⁶, eu sacaneava com os meninos, gostava de brincar de qualquer coisa – menos futsal, futebol- e gostava de andar mais solto, com calça de tãtel e blusão. Como eu me via um menino, eu andava na rua destemido, me achava o “cara”, me sentia parte da gangue dos meninos, mas sempre vinha a hora da realidade; a hora que as meninas chegavam e começavam a paquerar os meninos ou propor outras brincadeiras e dividiam as meninas e os meninos. Essa era geralmente a hora em que eu ia embora para casa jogar no

⁶ Peter Pan é um filme de animação estadunidense produzido pela Disney em 1953 e baseado na peça teatral Peter and Wendy do autor escocês James Matthew Barrie. Peter Pan é o garoto que não quer crescer.

computador e lidar com a minha frustração de sempre ter que ir para o lado das meninas.

O “lado das meninas” era um lado perverso. Um lado que na minha infância foi até tranqüilo, minhas amigas eram mais tranqüilas e não ligavam muito para brincadeiras de meninos e meninas. Era uma coisa só, o que importava era a diversão. O lado perverso chegou na adolescência. Eu tinha umas amigas, elas achavam diferente a minha maneira de se vestir, sempre tentavam me colocar roupas mais femininas nas festas do pijama e adoravam me cobrar saber qual era o menino da quadra que eu gostava, que eu queria namorar. Eu geralmente ia pelo que eu tinha mais afinidade, geralmente era o meu “melhor amigo”, mas toda vez que eu pensava na gente se beijando eu não gostava muito da ideia. Eu conseguia entrar nesse jogo das meninas muito fácil, era mais uma personagem do conforto, mais uma personagem que eu criava histórias de namorados, de roupas que queria comprar e como iria conquistar o próximo boy.

No ensino médio eu comecei a emagrecer muito, eu tomava Ritalina porque fui diagnosticado com TDA (Transtorno de Atenção), eu pesava 65 kg e fui para 45 kg. Emagrecendo, eu já não tinha um argumento para não mais usar as roupas mais grudadas. Minhas amigas saíram no shopping comigo, para renovar meu guarda roupa, me levaram a uma loja de departamento e começaram a me mostrar as roupas que, de acordo com elas, “os meninos se interessariam por mim e eu teria um namorado”. Eram shorts jeans curtos e blusas mais baby look. No provador, ia experimentando e me olhando no espelho, não tinha muito tempo para isso porque minhas amigas já me gritavam para ver como tinha ficado. Mas os poucos minutos que tinha me olhava e não conseguia me sentir bonito, não conseguia me reconhecer, era estranho me ver naquelas roupas. Assim que saia do provador, elas vinham felizes “Nossa! Você está linda! Olha esse corpão!” sorria e falava que tinha gostado e que levaria as roupas. Logo após as roupas veio a maquiagem. Quando me vi maquiado no espelho levei um susto. Não conseguia de jeito nenhum me ver saindo assim na rua. Era como se a personagem que havia criado estivesse ganhando vida e eu não gostava nem um pouco dessa ideia. Vi presente em minha vida a teatralidade, transformei minha vida em uma espécie de arena na qual assumi minha personagem, a fim de sobreviver a todas essas

intempéries. Em casa eu podia me vestir com as roupas velhas e folgadas e me sentia muito bem. Mas na rua isso começou a me incomodar porque as roupas que tinha para sair eram aquelas que minhas amigas escolheram e não tinha coragem de dizer que não condizia com o que eu via no espelho. Realmente os meninos começaram a olhar para mim, começaram a investir mais na paquera e isso me incomodava profundamente. Cada vez mais fui me colocando nas caixas que a sociedade impunha como certo e fechando mais o armário onde eu coloquei a minha verdadeira essência.

As calças que usava no dia a dia me davam conforto, eram calças folgadas, com o cós bem baixo, as blusas eram um tanto quanto folgadas e como era um “palito de gente” e ainda tinha o cabelo curto. As pessoas me viam como um menino e me tratavam no masculino. Ficava me sentindo muito bem. Ficava feliz quando me via no reflexo do espelho de alguma loja e parecia que eu andava na rua com o sentimento de “Agora sim estou sendo quem eu sou, agora estão me vendo como eu me vejo. ”. Ir ao banheiro era um desafio. Olhar a imagem na porta, do bonequinho de saia, era terror e pânico, muitas vezes entrava no banheiro de cabeça baixa. Assim que eu entrava via os olhares das mulheres, ouvia os comentários “acho que ele entrou no banheiro errado”, “meu Deus! Têm crianças nesse banheiro, ele não tem vergonha não!” e eu continuava ali, como se não tivesse escutando nada, já que eu não tinha opção, não podia entrar no banheiro masculino porque, aí, eram os homens que iriam me indagar e eu tinha medo da violência que eu poderia sofrer. Quantas vezes não esperei chegar em casa que, pelo menos, estaria no meu banheiro e não precisaria escutar nenhum desses comentários.

Quando me assumi gay e comecei a querer usar outras roupas as pessoas começaram a me colocar na caixa de “sempre tem uma lésbica feminina e uma masculina”. Fui à busca da minha feminilidade de várias formas. Tentei me encaixar nas caixas da sociedade, múltiplas vezes, eu já estava sofrendo de tanto que escutava que estava no lugar errado, que eu tinha que me maquiar se eu quisesse um emprego, que eu tinha que usar sapatilha porque é o padrão da empresa, que tinha que usar brincos grandes porque o cabelo curto me deixa com a aparência masculina, não podia sair com qualquer roupa porque denota descuido. Cada vez

mais, me sentia mais errado por querer ser diferente do que a sociedade heteronormativa impõe como certo e errado.

2.3 - A escola e a universidade

Para a minha sorte eu sempre estudei em escolas que prezavam o que a criança queria e sentia. Escolas onde o que prevalece é a opinião da criança. Eu ia para escola com a fantasia que eu mais gostava, lia os livros que me interessavam, brincava com o que mais tinha afinidade, então para mim sempre foi muito normal eu me vestir e ser quem eu bem entendia. A “Vivendo e aprendendo”⁷ que foi a escola mais marcante do meu desenvolvimento, me marcou em vários aspectos, principalmente porque as professoras não me julgavam, e sim me perguntavam o porquê gostaria de me portar diferente. Elas tentavam ao máximo entender e questionar, dependendo, tomar uma atitude ou não. Fiquei nessa escola até o Jardim III, se não me engano.

De 1ª a 4ª série eu estudei no “Arvense”⁸, que também era uma escola que me dava certa liberdade de expressão. Eu usava o uniforme que queria e as professoras também eram bem tranqüilas. Gostavam de perguntar e saber mais sobre a vida do aluno. Eu era bem tímido nessa fase da minha vida. Como a turma era pequena, tinham no máximo 12 alunos, então, acabava que todo mundo era amigo de todo mundo, a turma era uma união só. Eu usava calça tãtã, blusa do uniforme folgada, rabo de cavalo baixo e um tênis. Sentia-me muito bem assim.

Na 5ª série fui para o “Marista João Paulo II”⁹, que também era uma escola tranqüila, mas ela era maior, mais alunos em sala, várias turmas, e eu, muito

⁷ Os princípios e fundamentos político-pedagógicos se alicerçam em alguns pilares fundamentais: o reconhecimento da criança como sujeito de direitos, autônomo e com capacidade de pensar criticamente; o entendimento de que a interação com o outro e com o meio ambiente é condição para o desenvolvimento e a aprendizagem das diferentes linguagens; a valorização da criatividade nos processos de construção de conhecimento; a participação ativa das famílias e de outros segmentos da comunidade nas rotinas educacionais; e a construção coletiva da intervenção pedagógica com base na reflexão teórica qualificada sobre a educação.

⁸ O Arvense é uma escola de Método Natural cuja proposta pedagógica visa ao desenvolvimento integral de seus alunos. No Arvense, eles se formam como cidadãos éticos, humanistas e, ao mesmo tempo, capacitados para os próximos ciclos da educação formal e para os diversos tipos de avaliação.

⁹ Educar crianças e jovens, promovendo formação humano-cristã com excelência acadêmica, segundo o carisma marista. Nas salas de aula e nos demais ambientes educativos, aliam a preparação acadêmica à formação de valores humano-cristãos, ao cuidado com a vida e o meio ambiente, ao despertar de talentos e a diferentes jeitos de aprender. Proposta pedagógica: os educadores atuam como mediadores do conhecimento, isto é, incentivam nas crianças e nos jovens o gosto pela aprendizagem, a autonomia, a socialização e a troca de opiniões.

tímido, ainda me mantinha nas amizades que vieram do Arvense. Mas com o passar do ano essas minhas amigas não falavam mais comigo e fui ficando mais sozinho. Eu tentava usar calça bailarina, usar o cabelo mais solto, mas eu me sentia meio estranho, me sentia apertado, preso. Usava toda vez o casaco na cintura, ali era minha proteção. Mas o maior trauma veio no dia em que uma menina na escola me falou “Acho melhor você começar a usar sutiã, seu peito está aparecendo”. Nesse dia eu quis me enfiar em qualquer buraco. Falei com minha mãe e lá fomos nós comprar sutiã. Credo. Não gostei nem um pouco da sensação. Se eu já me sentia preso antes, agora que eu estava enjaulado. Todos os dias que eu colocava era no automático, não queria nem pensar no incômodo que eu sentia, e olha que era aquele sutiã de tecido, quase um top, ou seja, era para ser bem confortável.

Fui crescendo e vivendo o que tinha para viver na escola. Criei uma personagem tímida e que conseguia ficar invisível facilmente. Criei amigos para a vida nessas escolas, mas não foram muitos. Eu existia na escola, mas não vivia.

No ensino médio que o “bicho pegou”. Reprovi o primeiro ano, porque não via sentido nenhum em estudar, já que eu estudava e não ia bem nas provas. Eu ficava dentro de sala sozinho na hora do recreio, não falava muito com ninguém e idolatrava o Johnny Depp, queria ser igual ele quando crescesse. Os professores me viam como preguiçoso, que eu não queria estudar, não queria nada com a vida. Meus pais eram chamados com frequência para conversar com os professores. Eu chegava em casa depois da escola e me refugiava no meu mundo, o videogame. No jogo eu poderia ser quem eu bem entendia, poderia escolher as roupas, como seria meu carro, minha vida era perfeita nos jogos. Logo eu reprovi na escola. No 2º primeiro ano eu fiz mais amizades, tentei conversar mais, mas ainda assim era recluso. Pesquisava muito na internet e ficava a maior parte do tempo no computador e no quarto.

Certa vez estava indo para uma aula, andando no corredor da escola, quando passei por dois meninos, passei cabisbaixo, na minha, para eles não perceberem que eu estava passando ali. Mas foi em vão, eles me viram e começaram a mexer comigo, começaram a me chamar de marimacho: “tu é o que?

Homem ou mulher? Tu é um dragão isso sim! Precisa se internar! ”. Fui para o banheiro na hora, fiquei um tempo lá processando aquilo tudo. Fiquei me sentindo um lixo por um bom tempo, não entendia o porquê de tanta violência sendo que eu não tinha feito nada para aqueles meninos. Fui desabafar com uma amiga e ela me levou na coordenação. Foi a mesma coisa que nada, eles chamaram os meninos, falaram que era errado e ficou por isso mesmo.

No primeiro semestre de 2012 entrei para o curso de Psicologia na Universidade Católica de Brasília, comecei bem empolgado porque sempre me interessei muito pelos assuntos do comportamento humano. Como minha mãe é psicóloga acaba que eu lia alguns autores como Freud, Young, Moreno, etc e comentava algumas coisas com ela. Nas primeiras aulas eu anotava tudo, estudava os textos, lia bastante e procurava além para trazer debates e dúvidas para os professores. Porém, chegou o dia de fazer trabalho em grupo e eu fui o único que não tive grupo, procurei e todos diziam estar com o “grupo completo”. Não entendia muito bem até que chegou uma aula na qual o debate foi “e se chegar um homossexual no seu consultório o que você faz?”, sugerido por um dos estudantes. Para mim foi “como assim? É só conversar sobre as demandas do cliente.” mas a turma pensava de forma completamente diferente, alguns disseram que teriam que transferir para outro profissional porque para eles, de acordo com a religião ser homossexual é errado. Uma estudante chegou a falar que na consulta iria mostrar para o cliente a “cura gay” e iria mostrar o “caminho da verdade”. A professora tentou explicar que na psicologia você tem que se abster das suas crenças pessoais e, que na consulta, as crenças que contam são as do seu cliente. Depois da aula muitos estudantes saíram indignados, falando que era um absurdo ter que condizer com um pecado. Foi depois dessa aula que eu entendi porque eu sempre sobrava na sala. Na época eu era bem andrógino¹⁰, já que eu havia emagrecido muito, quase não tinha seios e usava roupas mais largas as pessoas costumavam confundir ou até mesmo me perguntar qual era o meu gênero. Era bem constrangedor e desconfortável.

Entre na UnB em 2013. Tinha um ano que já tinha saído da escola. Tentei

¹⁰ Aquele que apresenta características, traços ou comportamento imprecisos, entre masculino e feminino, ou que tem, notavelmente, características do sexo oposto.

fazer psicologia, mas me senti muito estranho e me lembrei o quanto eu sempre gostei de filmes e pensei “Já faço uma personagem na vida real, porque não ser vários?” e entrei para Artes Cênicas. Eu gostava muito no começo, os professores eram excelentes, instigavam os alunos, nos mantinham sempre alertas e sempre em movimento.

Confesso que com o tempo fui me desmotivando. Eu não conseguia me aprofundar em nenhum assunto específico e não me sentia encaixado em nenhuma área específica. Até que a aluna Amanda Carvalho me chamou para fazer parte da direção dela, e me apresentou o tema, que seria um relacionamento abusivo entre um casal gay. Interessei-me muito e sugeri que fizéssemos um personagem transexual para abordar um tema que ainda é muito invisibilizado. O brilho do curso foi voltando. As perguntas sobre se eu iria criar um personagem ou dar a vida para quem vive dentro de mim só aumentavam conforme eu ia pesquisando e me familiarizando com o tema.

No semestre seguinte eu fiz a disciplina “Interpretação e Montagem”. Eu já havia me familiarizado mais com o processo de me aceitar como eu me via internamente e pedi para os companheiros de sala e a professora para que me referissem no masculino. Todos foram bem atenciosos no princípio e deram bastante apoio. Mas conforme o semestre foi passando, alguns estudantes e a professora passaram a me chamar de Nathy novamente. Foi como se eu nunca houvesse falado nada, ficava desconfortável e voltava a lembrar que eu havia pedido para que me chamassem de Fischer e me referissem no masculino. Pediam-me desculpas, mas cinco minutos depois voltavam a me referir como Nathy. Fui ficando bem desconfortável e chateado com a conduta da professora que não me respeitava e continuava insistindo no erro, como se fosse uma crise e ela fosse passar. Não me senti respeitado e comecei a refletir que cada pessoa tem seu tempo de aprendizado. A professora me conheceu no gênero feminino, então de certa forma eu teria que dar o tempo que ela precisava para assimilar tudo. Porém o incomodo continuava e cada vez mais pensava que estava errado e que estava criando coisas na minha cabeça, que como tinha passado pelo processo da direção e me identifiquei muito com o personagem comecei a pensar que estava confundindo as histórias e estava vivendo algo do personagem e não meu.

2.4 – Eu sou quem eu sou

Falei da Nathalia e das experiências de vida até os 25 anos. Agora vou falar do Davi Rodrigues Fischer. Que representa quem sou eu hoje, em 2019.

Foi um processo longo de aceitação. Um ano lutando contra minhas barreiras e minhas limitações psicológicas para entender que eu não era um alienígena. Como eu descrevi no meu memorial eu sempre me senti errado, como se eu estivesse indo contra toda uma maré. E eu me culpava muito pelo sofrimento que eu pensava que iria causar em meus pais. Na minha cabeça meus pais sempre me viram como uma princesa e eu pensava que iria magoá-los muito se eu falasse que na verdade eu queria ser um príncipe.

Foi um ano de muitos incômodos e de quebra de barreiras psicológicas. Eu não aceitava que eu gostaria de me tornar um homem. Não conseguia assimilar que queria fazer parte desse universo masculino que sempre tive muita dificuldade de entrar. Não queria entrar na caixinha da heteronormatividade. Passei muitos anos tentando assumir minha sexualidade, tentando me encaixar na caixa de lésbica. Quando pensei que a sociedade me veria hétero entrei em pânico, foi quando eu surtei e não queria mais aceitar minha verdadeira essência.

Com ajuda de terapia fui entendendo a minha história. Fui adentrando mais no meu interior e nas minhas vivências. Mas a terapia sozinha não estava me deixando tão calmo assim. Eu comecei a pesquisar autores como Berenice Bento, Guacira Louro, Paul Preciado que falavam de gênero. Percebi que o gênero é um constructo social. Berenice Bento mostra, como exemplo do método pedagógico de gênero, que “a ecografia é uma tecnologia prescritiva e não descritiva” (BENTO, 2003,p.97), ou seja, antes mesmo de nascer somos colocados em uma histórica matriz de compreensibilidade heterossexual. Para Guacira Louro, a afirmação ‘é um menino’ ou ‘é uma menina’ “inaugura um processo de masculinização ou de feminilização com o qual o sujeito de compromete” (2008, p.15), ou seja, a ecografia é uma das estratégias da biopolítica que produzem corpos-homens e corpos-mulheres. Guacira Louro diz: “o ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um “dado” anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, histórico e binário.” (2008, p.15). Ou seja, quando se estabelece

normas de enquadramento para homens e mulheres as mascaras aparecem. Os sexos homem/mulher e os gêneros feminino/masculino tendem na sua maioria reproduzir os determinismos que existem no discurso hegemônico.

Ou seja, mudaria a minha carcaça, mas minhas vivências como mulher e todos os preconceitos machistas que sofri principalmente vindo de homens, serviram para que eu não venha a me tornar um homem que reproduz esse mesmo comportamento. Fiquei bem mais aliviado. Conseguia ver que eu seria um diferencial, eu não me encaixaria na heteronormatividade. A sociedade poderia ver minha carcaça, mas teria que me conhecer para ver quem eu realmente sou.

Conversei com minha namorada Amanda sobre tudo o que estava passando e ela me apoiou, começou a me tratar no masculino e me ajudou a procurar um endocrinologista para que eu tirasse alguma duvidas sobre a transição. Foi um dia muito importante. Percebi que era real. Que não era o personagem que afetava minha vida e sim dando voz a algo que eu sempre deixei escondido. Sai da médica com muitas indagações e ansioso para que tudo começasse logo. Mas antes eu teria que contar para minha família e não me sentia preparado para esse passo ainda.

Fui dando passos pequenos, mas que eram gigantes para mim. Meus amigos me chamavam de Fischer e me referiam no masculino. Mas Fischer não me contemplava por completo, eu queria um nome. Comecei a falar vários nomes em voz alta e nenhum acelerava meu coração. Até que um dia a Amanda estava me contando à história do Rei Davi¹¹. Meu corpo todo reverberava, meu coração pulsou forte e eu falei: “Meu nome é Davi”. Me emocionei na hora. Finalmente eu estava sendo quem eu sou.

Contar para minha família foi um processo. Eu estava com muito medo deles me rejeitarem. Mas eu via que teria que contar, afinal de contas eles são as pessoas mais importantes da minha vida. Sentei um dia com eles e contei o processo que estava passando. Eles demoraram um tempo para assimilar, eu respeitei o processo deles e não exigi prontamente como eu gostaria de ser

¹¹ Davi foi o rei mais famoso de Israel e antepassado de Jesus. Ele foi um pastor de ovelhas, líder militar, rei, músico e poeta. Davi escreveu muitos salmos e foi chamado um homem “segundo o coração de Deus” (Atos dos Apóstolos 13:22).

chamado e que o nome Nathalia já não reverberava em mim. Minha mãe entendeu e falou que já sabia, que já via isso desde minha infância. Meu pai disse que me ama independentemente da minha carcaça. Meu irmão continuou companheiro e disse que agora faz sentido tudo o que ele viveu comigo durante a infância. Fiquei muito emocionado e feliz com a minha família. Não esperava que fosse dessa forma.

Então afinal de contas quem eu sou? Eu sou o Davi, tenho 25 anos e estou em construção.

3 A descoberta de mim mesmo.

Até aqui falei muito de mim. Porém, há uma figura extremamente importante que deu voz a toda essa descoberta. O personagem que eu criei para o curta, “Mas ela nunca me bateu”: o nome dele é Chris.

Chris é um homem trans. Uma menina que cresceu num âmbito familiar muito complicado, onde o pai era alcoólatra e a mãe era completamente refém desse pai. É filho único e tem um espírito criativo e aventureiro. Um menino tímido, mas com forças para ser quem ele acredita ser. Que se esconde do pai, mas na escola e na rua pode mostrar sua verdadeira essência. Ele é completamente apegado a mãe, não gosta de magoá-la. Faz de tudo para vê-la feliz, inclusive ser mais “feminina” de vez em quando. Em casa ele se comporta de acordo com o gênero de nascimento. Ninguém de sua família sabe que ele já se vê como o Chris e não mais como Mariana. Ele sempre opta por fazer o que é melhor para os outros e não para ele. A felicidade dele não é a mais importante. É um menino doce, simpático e que gosta muito de estar rodeado de amigos e pessoas que ele considera importantes.

A criação do Chris foi intensa. No primeiro ensaio a diretora pediu para que eu fosse à infância. Ela perguntava como era o Chris criança. Dia 5 de abril de 2018, a diretora nos pediu para brincar. Chris e Duda¹² tinham que brincar juntos e estavam se conhecendo pela primeira vez. Brincamos no ensaio de “finge que”. Ficamos por uma hora brincando. A diretora pediu para que escrevêssemos em nosso diário de bordo¹³ que sentimentos e sensações tinham acontecido no ensaio. Eu escrevi:

Estou perplexa. Foi como se eu voltasse no tempo e revivesse minha infância. Porém me senti mais liberta, como se, sem a armadura da Nathalia eu pudesse ser quem eu quisesse. Ainda estou em êxtase. Chris está me mostrando o que é liberdade.

Nesse dia reverberou a minha infância, como eu retratei no capítulo dois, no memorial.

No dia 24 de abril de 2018, o ensaio era o dia em que Chris falaria com a

¹²Personagem do curta que interage com Chris, interpretado por Samla Alves.

¹³ O Diário de Bordo é um caderno ou pasta no qual o ator registra as etapas que realiza no desenvolvimento do projeto.

família que está namorando uma menina. Foi um ensaio bem intenso. Chris chegava em casa e sentava com o pai e a mãe para dizer que estava namorando uma menina e que sairia de casa para morar com ela. Foi uma cena bem forte. Chris se sentia vulnerável por estar se abrindo para os pais e ficou muito abalado ao saber que a família iria respeitar e não aceitar. Quando o ensaio acabou eu chorava muito. Fui escrever no diário de bordo, fiz a seguinte anotação:

Estou muito sensível. Não imaginei que essa cena reverberaria assim. A encenação era a própria realidade para mim. Cena e realidade viraram um só. Me vieram as lembranças e sentimentos do dia em que conversei com minha mãe sobre a minha sexualidade. Estou bem sensível.

No dia 10 de maio de 2018, o ensaio era fazer um relato de um dia que ficou marcado na vida do personagem. O relato que Chris escolheu foi o dia em que na escola ele foi seguido e bateram nele no banheiro por ele ser andrógino. Ele relatou os comentários e como ele se sentiu na hora. Enquanto fazia o relato, automaticamente me veio à memória o dia em que os meninos da escola mexeram comigo e me chamaram de marimacho, que eu tinha que me internar. Fizemos uma discussão depois do ensaio e eu escrevi no diário de bordo:

Estou cada dia mais perplexa. Estou vendo o quanto a minha vida e a do Chris estão se chocando em alguns pontos. Ver a Samla construindo a Duda e lembrando de alguns aspectos da vida me fazem refletir sobre o papel da arte em minha vida. Será que o Chris está aparecendo agora para me mostrar algo? Será que reviver esses momentos vai trazer algum conhecimento oculto? Será que sou Trans? Confusão me define hoje.

Dia 15 de maio de 2018, foi o primeiro ensaio com o figurino do personagem. Separei umas roupas do meu irmão e peguei uma faixa de varizes para usar de binder¹⁴. Coloquei a faixa, uma camiseta bem folgada e calça jeans. Nesse ensaio, Duda confrontava Chris, dizendo que ele fantasiava em ser homem, mas na verdade era uma lésbica frustrada. Que nunca seria homem de verdade. A vontade de ser homem era uma ilusão, criação da cabeça dele. Durante o ensaio entrei num conflito interno. Era o Chris que estava respondendo, ele tinha os argumentos e se apropriava do que dizia. Ele tinha plena certeza de quem ele era e afirmava com muito afinco para Duda. Estar vestido como Chris reverberou o dia em que fui com minhas amigas no shopping, os incômodos que eu causava nos

¹⁴Faixa utilizada para minimizar ou alterar a aparência dos seios. Geralmente é utilizado para se alcançar uma aparência mais masculina ou andrógina.

meus familiares com as vestimentas, no dia em que na escola a menina me falou dos meus seios, toda a repressão que eu vivi vestindo o figurino da Nathalia. Revendo o diário de bordo encontrei a seguinte colocação:

Vestindo o figurino de Chris eu me senti incrível. Eu vejo a repressão que tanto eu quanto Chris sentimos. Percebo que temos gostos iguais. Quero usar as roupas do meu irmão! Percebo o quanto me escondi em outro figurino, em outra pele. Projeto no Chris minha liberdade de vida. Confesso que me assustei quando me vi sem seios, mas me veio junto uma emoção silenciosa, uma alegria em ver no espelho o que condizia com o que eu sentia por dentro. Chris está me mostrando à sutil arte de ser quem eu sou. Me ensinando a me empoderar da minha essência. Chris é o personagem mais profundo e intenso que já criei. Gratidão Chris.

Me senti em uma linha tênue. A personagem que eu criei na vida real era uma performance. Em que me vestia de acordo com o que eu acreditava que iria agradar a sociedade e o meu meio familiar. Eu performava o corpo mulher. Então será que minha descoberta era uma performance de corpo homem? Será que eu estaria performando novamente? Ou estaria sendo finalmente quem eu me via por dentro?

A abordagem intuitiva autobiográfica me ajudou a compreender que o Chris e eu estávamos ligados pela linha tênue que era a minha própria vida. Eu coloquei no Chris meus desejos reprimidos, a história que nunca havia sido contada, a pressão social que eu sempre senti. A pressão de sempre ter que representar para sobreviver. Vi-me no lugar de corpo abjeto. Guacira Louro enuncia:

Mas a linguagem institui e demarca os lugares dos gêneros não apenas pelo ocultamento do feminino, e sim, também, pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos, pelo uso (ou não) do diminutivo, pela escolha dos verbos, pelas associações e pelas analogias feitas entre determinadas qualidades, atributos ou comportamentos e os gêneros (do mesmo modo como utiliza esses mecanismos em relação às raças, etnias, classes, sexualidades etc.). Além disso, tão ou mais importante do que escutar o que é dito sobre os sujeitos, parece ser perceber o não-dito, aquilo que é silenciado — os sujeitos que não são, seja porque não podem ser associados aos atributos desejados, seja porque não podem existir por não poderem ser nomeados. Provavelmente nada é mais exemplar disso do que o ocultamento ou a negação dos/as homossexuais — e da homossexualidade — pela escola. Ao não se falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda "eliminá-los/as", ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas "normais" os/as conheçam e possam desejá-los/as. Aqui o silenciamento — a ausência da fala — aparece como uma espécie de garantia da "norma". A ignorância (chamada, por alguns, de inocência) é vista como a mantenedora dos valores ou dos comportamentos "bons" e confiáveis. A negação dos/as homossexuais no espaço legitimado da sala de aula acaba por confiná-los às "gozações" e aos "insultos" dos recreios e dos jogos, fazendo com que, deste modo, jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejados ou ridículos (1997, p.68).

A criação de personagens no cotidiano para sobreviver às intempéries da

vida foi e ainda é algo que me intriga profundamente. Eu criei a Nathalia, uma personagem que era diretamente ligada à minha família. Uma menina que se veste de forma bem colorida. Que transita entre roupas mais femininas e roupas mais “confortáveis”. Uma menina um pouco rebelde silenciosa, que busca sua liberdade a todo o momento. Criei o Zeca, como disse anteriormente no meu memorial, era super sociável nas ruas porém tímido. E na escola criei um pouco de todos, mas era uma Nathalia mais invisível, que não queria causar problemas e tentava se adequar ao meio escolar. O Chris criei para o curta, mas vejo que foi para dar voz a algo dentro de mim. Algo que já gritava e eu relutava a escutar.

Conforme aprimoramos nosso olhar sobre a teatralidade, observamos como ela se manifesta no humano, na capacidade de cada sujeito se transformar e compor sua própria maneira de se expressar e comunicar a partir de repertórios constituídos de vivências que se dão no cotidiano de cada indivíduo. Para melhor entendimento, o pensamento de Pardo (2011), quando coloca que as pessoas, em seu cotidiano, teatralizam, criam ou assumem papéis, tanto para intensificar o que vive no cotidiano, quanto para se colocar aos discursos prevalentes que nos são impostos enquanto certeza e permanência de valores preestabelecidos. Assim vejo o jogo de desempenhar e “(dê)s empenhar” papéis, teatralizamos nossas relações com a escola, o trabalho, o amor e todos os campos do dia-a-dia. Pardo enuncia que:

Criamos cascas, armaduras de sobrevivência às vezes duras de atravessar os afetos, os sentimentos. Criamos personagens por vezes distantes do que havíamos pensado e do que imaginávamos para nós. Desafiamos nossa finitude, nossa leveza e fragilidade para enfrentar o mundo que criamos com a nossa espécie (PARDO, 2011, p. 47).

Ou seja, não construímos apenas personagens que não condizem com o que desejamos ou mesmo pensamos, mesmo que esse desejo seja contra ao que é “permitido” na sociedade.

A presença de teatralidade como meio de expressão pertence a todos os seres humanos, pois, como afirma Silvia Fernandes (2011):

A teatralidade pode ser uma maneira de atenuar o real para torná-lo estético, ou erótico, de conhecer esse real e compreender o político, que leva a descobrir outras possibilidades que extrapolam o âmbito do teatro e chegam a contextos extra cênicos, culturais, antropológicos, éticos. (FERNANDES, 2011, p.60)

Este pensamento revela como a teatralidade tem várias faces, pois, ela não depende apenas da natureza teatral ou mesmo se reduz ao seu caráter ilusionista e ficcional. A teatralidade é observada nas práticas e situações do cotidiano, a relação que a pessoa estabelece entre o mundo e a sua imaginação. Ao analisar a ideia de teatralidade Josette Ferral (2002) conclui que:

A teatralidade não tem manifestações físicas obrigatórias, mas uma posição do indivíduo com relação ao mundo e com sua imaginação. Ela só pode ser compreendida através de manifestações específicas e deduzidas da observação de fenômenos teatrais. Por outro lado, a teatralidade vai além do teatral, podendo ser percebida em outras formas artísticas (dança, ópera, espetáculo), bem como nas manifestações cotidianas de todo indivíduo. (FERAL, 2002, p.40)

Acaba que o termo “performatividade” estabelece certo sinônimo com o conceito de teatralidade. Quando se tratam de outros conceitos que extrapolam as teorias teatrais e envolvem outros campos do saber como a sociologia, filosofia, política e assim por diante, ambos acabam se confundindo. Assim sendo, a teatralidade e a performatividade podem funcionar no meu caso para compreender os vários significados que existem tanto na cena teatral quanto na descoberta transexual. Observei que estes termos são utilizados nos estudos contemporâneos provocando aberturas e fraturas na linha tênue entre a ficção e a realidade, entre o espaço delimitado do teatro e o espaço público, entre as diferentes funções do ator/performer e as vivências cotidianas que nos leva a fazer reflexões da transexualidade na arte. Existem fluxos que procuram quebrar com normas disciplinares antigas e sugerir outras perspectivas de estar e ser no mundo, que é onde se encontra o processo performativo. Se observarmos a presença da teatralidade, principalmente no que se refere a performatividade presente no corpo trans, o ato se realiza por si mesmo, estabelece em um certo sentido a assunção de um corpo potencialmente teatral. É nesse corpo que se procura a projeção de modelos preconcebidos e previamente desejados com base em determinados olhares sobre um corpo/mulher/feminino ou um corpo/homem/masculino para a criação de outras possibilidades de gênero.

É um processo que exige muita energia, porém a vontade de nos aprimorar e fazer novas descobertas são as forças para que alcancemos o que almejamos. Hoje vejo a importância do apoio de familiares e amigos. Minha criação de personagem como ator é muito pessoal. Foi com essa monografia que pude me aprofundar mais nos teóricos citados nesse estudo. Percebi que minhas ideias eram na maioria memórias que eu não queria encarar. Percebi que muito do Chris era a minha vida e meus trejeitos mais profundos. Pude me observar mais profundamente, me conhecer de uma forma que nunca imaginei que me conheceria. Chris me ajudou a dar luz ao meu incomodo. Permitiu-me conhecer um novo jeito de ver a vida e de adquirir conhecimento.

Ao conversar com minha parceira de cena Samla, pude ver o quanto ela utilizava algo de sua vida e lembrava fatos que tinham ocorrido e isso era um processo bem intenso para ela também. Entrar em contato com emoções passadas era um desafio para ambos. Notei que o medo de se aprofundar em si mesmo não era só meu. Fazer o memorial me ajudou a ver de forma mais nítida que o Chris já existia dentro de mim. Que eu já tinha um incomodo de ser invisível não só para a sociedade, mas também para as pessoas que me rodeavam. Notei que com a criação de outros personagens no meu cotidiano eu de forma inconsciente me tornei invisível para mim mesmo.

Com esse processo observei que não estou sozinho. Não sou o único que passou pela descoberta de um novo corpo, de uma nova forma de existir. Descobrir-me trans é quebrar barreiras diárias, tanto comigo quanto com a sociedade. É ver que somos corpos inseridos numa determinada sociedade. Todos têm ossos e órgãos, somos iguais por dentro, o que nos diferencia um do outro é a jornada de vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passei por momentos muito difíceis para conseguir assimilar a minha identidade de gênero, conforme descrevi no memorial do presente estudo. Quando a arte entrou em minha vida e pude vivenciar, como ator, o incômodo da questão de gênero, eu pude me perceber, refletir e ressignificar a minha identidade de gênero. Deste modo, eu consegui me empoderar de mim mesmo e me vejo me posicionando diante dos desafios da vida de modo mais assertivo.

Com isto verifiquei que a metodologia intuitiva autobiográfica pode ser levada para a sala de aula para trabalhar múltiplos temas autobiográficos. A metodologia intuitiva fornece um modo de desempenhar papéis teatrais que reverberam no desempenho dos papéis da vida cotidiana. Por exemplo, uma pessoa com problemas de obesidade poderá interpretar um personagem que luta contra o padrão de beleza perfeito imposto pela sociedade. Uma pessoa que se acha inútil por ter uma deficiência física e faz um personagem, a partir da sua autobiografia, mostrando que é capaz de realizar atividades tão bem quanto alguém que não possui deficiência física. Estas pessoas realizando a ação no campo dramático, de um modo diferente do desempenho habitual, tem a possibilidade de ressignificar a suas experiências cotidianas e de adotar um novo modo de ser diante dos desafios da vida. Assim, a arte vem como uma ajuda para o possível empoderamento das pessoas.

Concluo que o processo de criação do personagem a partir das teatralidades da vida e da autobiografia foi o método intuitivo que funcionou para a minha descoberta. A partir de memórias e personagens já criados no cotidiano posso me aprimorar mais como artista e quebrar mais minhas barreiras criativas. Perceber que cada personagem vem me ensinar algo e vem fazer com que eu descubra cada vez mais quem eu sou enquanto ator/artista criador. Percebi que eu não funciono com métodos pré-estabelecidos. O método é determinado a partir da minha autobiografia.

Após este estudo autobiográfico constatei que os métodos cênicos utilizados foram de grande importância para a descoberta da minha identidade de gênero e traçar uma nova caminhada no campo das artes cênicas. No momento da

encenação, a cada descoberta que o personagem fazia, eu me identificava de algum modo com a situação vivenciada. Em minha trajetória artística eu já me deparei com muitas barreiras e dificuldades. E percebo que, em geral, os artistas enfrentam desafios ao longo de suas carreiras. Não é fácil ser artista em uma sociedade que prefere manter na invisibilidade temas polêmicos, aqueles que fogem aos padrões heteronormativos. Descobrir-me homem transgênero nessa sociedade heteronormativa é um desafio. Essa tomada de consciência foi essencial para o meu empoderamento pessoal.

Nesse sentido, especificamente em relação à temática de gênero, eu vejo que há uma urgência em trazer esta questão para a cena teatral contemporânea, para assim desenvolver novas percepções sobre a representação de papéis da vida real. A linguagem teatral precisa permitir que se crie deslocamentos, de forma que sejam produzidas novas subjetividades, fazendo com que o singular embaralhe a ficção e a realidade, para poder problematizar e dar visibilidade a temas sociais controversos.

Através do artista que somos, uma grande colcha de retalhos(uma mescla de personagens, observadores de vivências de outras pessoas, testemunhas de cenas cotidianas etc.), temos o potencial de instigar uma reflexão dos tipos que se deseja e que não se quer socialmente, desconstruindo os valores que não pertencem a uma sociedade diversa e que disfarça o igualitário. Penso, desta maneira, que o teatro deve buscar temas urgentes, porém não se submetendo a um discurso determinista, fóbico ou moralista.

Para finalizar, concluo que o método autobiográfico me ajudou a me empoderar, logo ele poderá ajudar outras pessoas a fazerem essa descoberta de si mesmo. Esse trabalho é muito mais educativo do que um jogo teatral baseado em uma criação improvisada. É muito mais intenso e educativo. A arte e vida estão muito interligadas. A arte faz parte da vida de todos. Está no sutil do cotidiano de cada um. A arte vem trazer à tona as invisibilidades, os problemas que vivemos dentro de uma sociedade que não gosta de ver o outro, o diverso. Vem quebrar as cascas que criamos para sobreviver a todas as intempéries da arte-vida.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de Brasília/UnB. 2003.

BOGART, Anne. *A Preparação do Diretor. Sete Ensaios Sobre Arte e Teatro*. 1ª ed. Local de publicação: X. Martins Fontes - WMF, 2001.

COHEN, Renato. *Performance Como Linguagem*. Perspectiva: São Paulo, 2011.

COPELIOVITCH, A. *O trabalho do ator sobre si mesmo: memória, ação, linguagem e silêncio*. *Conceição|Conception*, 5(2), 76-89, 2016.

FERNANDES, S. *Teatralidades Contemporâneas*. Perspectiva: São Paulo, 2011.

FERRAL, J. *Além dos Limites: Teoria e Prática do Teatro*. Perspectiva: São Paulo, 2015.

LOURO. G. L. *Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LOURO, G. L. *Gênero, Sexualidade e Educação – Uma perspectiva Pós-Estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MICHELS, Eduardo. *Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil*. [Online] Disponível na internet via: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2019/01/relatorio-2018-1.pdf>

NIETZSCHE, F. *A Genealogia da Moral*. São Paulo: Cia Das Letras, 2007

PARDO, A. L. P. (organização). *A Teatralidade do Humano*. Ed. SESC-SP: São Paulo, 2011.

PAVIS, Patrice. *Dictionnaire du Théâtre*. Paris: Armand Colin, 2003.

T, Lea. *LEA T. NO DE FRENTE COM GABI SBT*. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6RZrCRKUXak>> Acesso em: 25 maio. 2019.